

**“EU VIVI FAZENDO AQUILO QUE EU GOSTO”¹ –
PROPRIETÁRIOS RURAIS DO DISTRITO DE
MARTINÉSIA (UBERLÂNDIA-MG) VIVENCIANDO AS
TRANSFORMAÇÕES DO CAMPO²**

*Renata Rastrelo e Silva**

RESUMO: Esse texto tem como objetivo discutir as modificações ocorridas na vida do homem do campo, a partir da década de 1970, mudanças essas que se deram nas atividades agrícola e pecuária e também nas formas de viver, trabalhar, se relacionar, nos sentidos e maneiras de vivenciar a terra e a relação com a natureza. Desse modo, analiso como os proprietários rurais do distrito de Martinésia (Uberlândia-MG) vivenciaram essas transformações.

PALAVRAS-CHAVE: Campo. Transformações. Martinésia.

ABSTRACT: These text aims to discuss the changes in the life of the man field, from the 1970s. These changes which have activities in the agricultural and livestock and also in ways to live, work, relate, in the senses and ways to experience the land and the relationship with nature. Thus, we analyze how the landowners in the district of Martinésia (Uberlândia-MG) experienced these changes.

KEYWORDS: Field. Transformations. Martinésia.

* Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é Técnica em Assuntos Educacionais dessa mesma universidade.

¹ João Dias Neto, 77 anos, entrevista realizada em sua residência, em 31 jul 2005.

² Esse texto faz parte das discussões apresentadas na dissertação de mestrado intitulada *Proprietários rurais do distrito de Martinésia (Uberlândia-MG): viver e Permanecer no campo – 1964-2005*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História, sob orientação da Professora Dilma Andrade de Paula.

As transformações que ocorreram no campo, a partir da década de 1970, acarretaram mudanças nas atividades agrícola e pecuária e também nas formas de viver, trabalhar, relacionar, nos sentidos e maneiras de vivenciar a terra e a relação com a natureza. Assim, trato, neste trabalho, dessas modificações ocorridas na vida do homem do campo, mais especificamente dos proprietários rurais do distrito de Martinésia, procurando refletir sobre como essas transformações foram vivenciadas por eles, partindo justamente da questão da terra, pois ela é fundamental para se compreender esse processo de mudança que está ocorrendo no campo.

A distribuição da terra no Brasil é extremamente complexa e geradora de conflitos, tendo em vista a apropriação que se fez e se faz dela. Logo, para que se compreenda essa complexidade, é preciso investigar historicamente essa questão.

Segundo João Pedro Stédile, a colonização do Brasil empreendida pelos portugueses baseou-se na agroexportação que tinha como objetivo gerar lucros, os quais eram transferidos para a metrópole, a fim de que se realizasse a acumulação de capital, uma vez que a organização produtiva montada no país foi regida pelos interesses do capital mercantil. E, desse modo, foi implantado no Brasil um sistema de organização da produção agrícola que ficou conhecido como *plantation*, ou seja, a produção de monoculturas para exportação (seja de açúcar, café, cacau ou outras), baseada em grandes fazendas e no trabalho escravo.³

Como afirma Stédile, nesse momento da colonização, as terras não eram vendidas, pois a Coroa portuguesa dava aos colonizadores a sua posse delas para que estes pudessem produzir e gerar lucros para ela somente em 1850, quando se promulgou a primeira lei de terras no Brasil, que a terra se tornou uma mercadoria, ou seja, a partir daí ela passou a ser comercializada e para se tornar um proprietário de terras era preciso comprá-las; isso se deu porque, na iminência da abolição da escravidão, era preciso impe-

³ STÉDILE, João Pedro. Introdução. In: _____. (Org). *A questão agrária no Brasil*. v.1. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 20-21.

dir que os homens que se tornariam livres adquirissem terras, visto que não teriam meios para isso, isto é, o dinheiro para comprá-las.⁴

Após a abolição da escravidão, grande parte da população de mestiços se dirigiu para o interior do Brasil, uma vez que as terras próximas ao litoral estavam ocupadas com as culturas de exportação e essa população não tinha meios para se tornar proprietária de terras⁵:

A longa caminhada para o interior, para o sertão, provocou a ocupação de nosso território por milhares de trabalhadores, que foram povoando o território e se dedicando a atividades de produção agrícola de subsistência. Não tinham a propriedade privada da terra, mas a ocupavam, de forma individual ou coletiva, provocando, assim, o surgimento do camponês brasileiro e de suas comunidades.⁶

Com o passar do tempo esse homem do campo foi sendo cada vez mais submetido à lógica capitalista, isto é, ele foi incentivado a se adequar às suas regras, à lógica de obtenção de lucros, o que ficou muito evidente entre as décadas de 1960 e 1980. Ele foi estimulado a especializar a sua produção, inserindo-se cada vez mais no mercado.

Nesse sentido, a posse da terra nesse país, como mostra a própria história, é marcada pela proeminência dos interesses capitalistas, do latifúndio e dos poderosos que detêm grande parte dela. No entanto, as pessoas não são passivas a isso, elas resistem, lutam contra a exploração, a desigualdade, a exclusão e, assim, a terra é um dos objetos dessa disputa.

O golpe militar de 1964 teve como um de seus objetivos silenciar a proposta de reforma agrária que estava sendo esboçada naquele momento gerando uma tensão social, uma vez que fez eclodir movimentos de luta pela terra como, por exemplo, as Ligas

⁴ *Ibidem*, p.22-23.

⁵ *Ibidem*, p.26-27.

⁶ *Ibidem*, p.27.

Camponesas constituídas nos anos de 1950, no Nordeste brasileiro.

Apesar desses movimentos, a luta pela reforma agrária no Brasil durante o regime militar foi sendo desqualificada, mediante uma associação dela ao comunismo e, desse modo, não era algo a ser vislumbrado, pois o que se colocava como solução para os problemas relativos à terra, naquele momento, era a ocupação de outras regiões ainda pouco exploradas, como argumenta Miranda:

Desse modo, a proposta foi perdendo o seu sentido de intervenção na estrutura fundiária concentrada do país, defendida nos anos anteriores por alguns segmentos sociais.

Os governos militares, com o apoio de setores da classe dominante, passariam a demonstrar um interesse em explorar as áreas pouco povoadas como, por exemplo, a Amazônia.⁷

A ação governamental dos militares baseou-se, então, na expansão da fronteira agrícola em direção, por exemplo, ao Norte do país e ao cerrado, e também na transformação da base técnica da atividade agropecuária, procurando, assim, não tocar na estrutura fundiária brasileira, o que foi evidenciado por José Graziano da Silva: “Foi a expansão da fronteira agrícola que permitiu expandir a produção agrícola no Brasil sem necessidade de redistribuir a posse da terra”.⁸

Entretanto, na década de 1980, a discussão sobre reforma agrária foi retomada⁹ com intensidade, tendo em vista que esse

⁷ MIRANDA, Luciana Lilian de. *Adeus ao “Jeca Tatu”*: proprietários rurais de Uberlândia, MG, vivenciando a política agrícola modernizadora, 1960-1985. 2003. 147 p.. Dissertação (Mestrado em História Social), Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia/Uberlândia, 2003, p.43.

⁸ SILVA, José Graziano da. *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.62.

⁹ Dizer que essa discussão foi retomada na década de 1980 não significa dizer que ela deixou de existir na década de 1970, ela foi apenas reprimida pela ação do Estado.

modelo de desenvolvimento do campo implantado pelos militares, se por um lado gerou o aumento da produção e da produtividade, por outro gerou grandes custos sociais. Basta ver o enorme contingente de pessoas que, sem condições de permanecerem no campo, foram para as cidades e, além disso, tem-se a grande concentração fundiária intensificada nesse momento. Logo, esses fatores levaram à eclosão de inúmeros conflitos pela posse da terra, inclusive na região do Triângulo Mineiro. Mas se os movimentos sociais lutam pela posse da terra também os proprietários se colocam em posição de defesa dos seus interesses:

Sobre o encontro Odelmo disse que primeiramente foram reafirmadas todas as palavras que a classe rural tem dito à nossa imprensa; “Nós não somos contra a Reforma Agrária[...]nós temos que fazer um planejamento agrícola, dar uma estrutura ao campo e a Reforma Agrária está neste contexto”.¹⁰

O encontro a que a reportagem se remete diz respeito a reuniões que foram realizadas para discutir o tema da Reforma Agrária. A fala de Odelmo Leão Carneiro Sobrinho¹¹ “Nós não somos contra a Reforma Agrária” aponta para o posicionamento de setores da classe rural frente à possibilidade de realização dessa reforma, afirmando concordar com ela, no entanto, esta deveria ser feita atendendo aos seus interesses: [...]“a classe rural faz parte da sociedade brasileira e, por fazer parte dessa sociedade, ela tem o direito de participar das discussões para elaboração das

¹⁰ Durante três dias, Odelmo esteve em Brasília analisando projeto da Reforma Agrária, *Jornal Correio de Uberlândia*, 04 jul 1985, p.06.

¹¹ Odelmo Leão Carneiro Sobrinho já foi presidente do Sindicato Rural de Uberlândia, Secretário Municipal de Agricultura e Pecuária, deputado federal, vice-presidente da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais – FAEMG, Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais e prefeito de Uberlândia (2005-2008). É considerado “um dos maiores líderes ruralistas da região.” Secretário de Agricultura quer melhorar o que já foi feito. *Jornal Correio de Uberlândia*, 26 fev 1989, p.03.

propostas de reforma agrária”.¹²

A partir disso é que se pode entender os adjetivos colocados à reforma agrária que deveria ser realizada no Brasil:

O ministro da Agricultura, Pedro Simon, afirmou em Uberaba, Minas Gerais, que os empresários rurais não devem temer a reforma agrária “que será efetivamente implantada, de forma decidida, mas *ordeira, equilibrada, atendendo a justa aspiração da sociedade*”.¹³

Na ótica das classes patronais rurais, a reforma agrária que deveria ser realizada no Brasil tinha que ser “ordeira, equilibrada”. Acredito que esses adjetivos fazem alusão às ocupações de terras, que causam verdadeiro temor nas classes patronais rurais. Logo, era necessário combater tal prática atuando de forma *ordeira* e agindo na “legalidade”, evitando os conflitos diretos que nessa época já estavam acontecendo, beneficiando, assim, as classes patronais rurais. Desse modo, seria mais fácil para elas conseguir que se realizasse uma reforma agrária que cada vez mais atendesse aos seus interesses particulares e não aos da sociedade. E aqui está um outro aspecto interessante, pois, como a reportagem aponta, a reforma agrária que deveria ser realizada teria que atender “a justa aspiração da sociedade”. Entretanto, a sociedade é marcada por desigualdades de interesses, na medida em que as diferenças sociais é que determinam os interesses de cada grupo. Sendo assim, a que sociedade o ministro da agricultura se refere? Pois a fala dele tenta tranquilizar os “empresários rurais”. Assim, parece que a reforma agrária estaria atendendo aos interesses desses setores da sociedade e não aos daqueles que lutam para ter acesso à terra. No entanto, o ministro não discute essa desigualdade de interesses, dando a ideia de que existe um

¹² Presidente do Sindicato Rural quer reforma agrária justa e leal para com a classe rural brasileira. *Jornal Correio de Uberlândia*, 14 jun 1985, p.12.

¹³ Reforma Agrária: Simon tranquiliza empresários. *Jornal Correio de Uberlândia*, 17 maio 1985, p.09.

único interesse com relação à reforma agrária, o que é uma grande falácia.

Essa estratégia de dizer que existe um interesse comum na sociedade é frequentemente utilizada pelas classes patronais rurais: “a classe rural nesse país é uma só, e uma caixa de marimbondo”.¹⁴ Essa frase foi dita pelo então presidente do Sindicato Rural de Uberlândia, Odelmo Leão Carneiro Sobrinho, por ocasião de uma manifestação de produtores rurais. É preciso questionar a que classe rural ele está se referindo, pois no trecho anterior dessa matéria ele define que a classe rural são produtores hortifruti-granjeiros, avicultores, suinocultores, pecuaristas e agricultores. Mas, existem diferentes tipos de pecuaristas, de agricultores e, nesse sentido, as aspirações, as expectativas são diferenciadas. Um agricultor, por exemplo, que perdeu sua terra e tem que continuar trabalhando em terras alheias aspira uma terra sua, já um grande produtor de grãos aspira crédito, condições de comercialização, ou seja, existem inúmeros interesses em conflito.

Virgílio Galassi¹⁵ é outro que também faz uso dessa estratégia de qualificar a classe rural de forma generalizante. Ele, em discurso proferido na Câmara dos Deputados em Brasília sobre os problemas enfrentados pela classe rural, diz que: “A classe rural, patrões e empregados, é ordeira e trabalhadora”.¹⁶ Nesse discurso, ele coloca *patrões* e *empregados* no mesmo nível, ou seja, é como se eles tivessem os mesmos interesses, mas não se pode esquecer que nesse momento já estava em discussão a ne-

¹⁴ Produtores rurais fazem passeata no centro da cidade. *Jornal Correio de Uberlândia*, 11 mar 1987, p. 1.

¹⁵ Virgílio Galassi já foi presidente do Sindicato Rural de Uberlândia, vice-presidente da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais (FAEMG), diretor do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA), vereador, deputado federal constituinte pelo PDS, Secretário Municipal de Desenvolvimento, prefeito de Uberlândia por quatro mandatos: 1971-1972, 1977-1982, 1989-1992, 1997-2000. Cf. Conheça a trajetória política de Virgílio Galassi. *Jornal Correio*, 16 nov 1996, p.2.

¹⁶ Virgílio Galassi fala sobre o “II Alerta do Campo”. *Jornal Correio de Uberlândia*, 12 mar 1987, p.3.

cessidade de realização da reforma agrária e essa aparente harmonia entre patrões e empregados pode ser uma forma de deslocar o foco da realização da reforma agrária para somente a implementação de uma política agrícola que permitisse a ambos prosperar¹⁷.

[...] a divisão da terra acentuou-se, fato que combinado com a tendência decrescente da população rural, atraída pela urbano-industrialização, aumenta a importância desse parcelamento, com reflexos ponderáveis sobre a redução relativa do número de trabalhadores sem-terra.[...]. Na verdade, parece haver uma correlação direta entre a excessiva divisão da terra e as desigualdades de renda.[...]. Na realidade, o problema distributivo e o baixo nível médio de renda da população rural deve-se a fatores bastante diversos e – infelizmente – bem mais complexos do que poderia ser corrigido por uma simples distribuição de terras.[...]. Isso não significa que inexistente o problema fundiário.[...]. Porém nada poderá superar com maior impacto o problema da renda rural do que uma política agrícola estável e realista [...].¹⁸

Essas declarações são do então presidente do Sindicato Rural de Uberlândia, Odelmo Leão Carneiro Sobrinho, e merecem ser analisadas, uma vez que, se houve certo aumento das pequenas propriedades no Brasil, também ocorreu, principalmente no período da dita modernização agrícola, uma alta concentração de terras, o que não foi mencionado por Odelmo. Ele vai além e diz que a divisão de terras é responsável pela desigualdade de renda e que a baixa renda não pode ser solucionada pela “simples distribuição de terras”. Ora, realmente, distribuir as terras e deixar os assentados sem qualquer política de incentivos não é mesmo sufi-

¹⁷ Cf. BRUNO, Regina. *Senhores da terra, senhores da guerra: a nova face das elites agroindustriais no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/UFRJ, 1997, p.35.

¹⁸ Classe rural X Reforma agrária. *Jornal Correio de Uberlândia*, 23 maio 1987, p. 1.

ciente, no entanto, Odelmo diz ser mais importante o estabelecimento de uma política agrícola para o campo que a distribuição de terras, mas no caso de trabalhadores sem-terra, de que adianta uma política agrícola se ele não tem onde plantar? A mensagem que parece ser transmitida ao final das suas declarações é que a reforma agrária é secundária, e mais, ela já estaria sendo feita de alguma forma e não teria dado resultados, logo, para que continuar insistindo na sua realização?

Dessa forma, é possível observar mais uma vez é como a questão da terra no Brasil é complicada, visto que existem diferentes interesses em conflito na sociedade e, na maioria das vezes, os interesses que prevalecem acabam sendo os das classes patronais rurais, pois elas têm meios mais eficazes para conter o avanço da luta pela terra, utilizando-se muitas vezes da violência e da criminalização dos movimentos que lutam por ela.

A propriedade da terra no Brasil tem causado inúmeros conflitos, como já dito, em virtude dos custos sociais de um tipo de intervenção no campo que excluiu milhares de pessoas e promoveu uma grande concentração de terras:

O Brasil caracteriza-se por ser um país que apresenta elevadíssimo índice de concentração da terra. No Brasil, estão os maiores latifúndios que a história da humanidade já registrou. A soma das 27 maiores propriedades existentes no país atinge uma superfície igual àquela ocupada pelo estado de São Paulo, e a soma das 300 maiores atinge uma área igual a de São Paulo e do Paraná. Podemos citar como exemplo uma das maiores propriedades, a da Jarí S/A, que fica parte no Pará e parte no Amapá e tem área superior ao estado de Sergipe.¹⁹

¹⁹ OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Campesinato e agronegócio: uso da terra, movimentos sociais e transformações no campo. In: FEITOSA, Antonio Maurílio Alencar; ZUBA, Janete Aparecida Gomes; CLEPS Júnior, João (Org). *Debaixo da lona: tendências e desafios regionais da luta pela posse da terra e da reforma agrária no Brasil*. Goiânia: Editora da UCG, 2006, p. 58-59.

TABELA 1. Brasil, estrutura fundiária (2003)

Grupos de área total (ha)	Nº de Imóveis	% dos Imóveis	Área Total (ha)	% da Área
Pequena - de 200	3.895.968	91,9	122.948.252	29,2
Média 200 a - de 2.000	310.158	7,3	164.765.509	39,2
Grande 2.000 e mais	32.264	0,8	132.631.509	31,6
Total	4.238.421	100,0	420.345.382	100,0

Fonte: OLIVEIRA, 2006, p.60.

TABELA 2. Município de Uberlândia-MG, estrutura fundiária (1970, 1980, 1995)²⁰

Grupos de área total (ha)	Nº de Estabelecimentos	% dos Estabelecimentos	Área Total (ha)	% da Área
1970 Pequena - de 200	1.229	75,86	62.696	18,90
Média 200 a - de 2.000	375	23,15	221.162	66,70
Grande 2.000 e mais	16	0,99	47.727	14,40
Total	1.620	100,00	331.585	100,00
1980 Pequena - de 200	922	71,36	55.986	17,12
Média 200 a - de 2.000	352	27,25	192.142	58,76
Grande 2.000 e mais	18	1,39	78.880	24,12
Total	1.292	100,00	327.008	100,00
1995 Pequena - de 200	1.234	79,30	64.401	17,90
Média 200 a - de 2.000	302	19,40	179.883	50,00
Grande 2.000 e mais	20	1,30	115.613	22,10
Total	1.556	100,00	359.897	100,00

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários de 1970, 1980 e 1995.

²⁰ A tabela 2 foi montada seguindo os mesmos parâmetros da Tabela 1, ou seja, considerando a pequena propriedade até 200ha, a média de 200 a 2.000ha e a grande acima de 2.000ha, extraída do trabalho de OLIVEIRA, 2006, a fim de que se possa comparar a realidade nacional com a local. No entanto, existe uma diferença quanto aos dados, uma vez que OLIVEIRA trabalha com dados do Incra, logo, com imóveis rurais e a tabela 2 foi feita com base nos Censos Agropecuários do IBGE, que trabalha com estabelecimentos rurais.

A concentração de terras é, então, um fenômeno surpreendente, ainda mais em um país no qual grande parte da população vive numa situação de miséria absoluta. Os números referentes à posse da terra no Brasil evidenciam o absurdo da concentração fundiária.

Pela tabela é possível perceber como existe, no Brasil, muita terra nas mãos de poucos, uma vez que as pequenas propriedades representam mais de 90% do número de propriedades no país e ocupam 29,2% da área total, enquanto que as grandes propriedades que não somam 1%, ocupam 31,6% da área. Isso significa dizer que grande parte da terra no Brasil pertence a um pequeno número de pessoas e isso se torna ainda mais grave se levarmos em conta que muitos desses grandes proprietários podem não ser donos de apenas um imóvel rural, mas de vários.

No município de Uberlândia, a distribuição da terra não foge aos moldes nacionais, estando, portanto, concentrada nas mãos de um pequeno número de pessoas.

Em Uberlândia também ocorre a mesma concentração de terras, na medida em que pelos dados de 1970, as pequenas propriedades representavam 75,86% dos estabelecimentos rurais e ocupavam uma área de 18,90%, enquanto as grandes propriedades, sendo apenas 0,99% dos estabelecimentos, tinham uma área pouco menor que a das pequenas, com 14,40%. Segundo os dados de 1980, as pequenas propriedades representavam 71,36% dos estabelecimentos rurais do município, ocupando uma área de 17,12%. Já as grandes propriedades, que somavam apenas 18 estabelecimentos, ou seja, 1,39%, ocupavam uma área superior à das pequenas propriedades, 24,12%. O quadro não muda muito em 1995, quando as pequenas propriedades somam 1.234 estabelecimentos, ocupando 17,9% da área total do município, e as grandes propriedades, que totalizavam 20, ocupavam uma área de 32,1%, ou seja, quase o dobro da área das pequenas propriedades.

Historicamente, o que ocorreu com a estrutura fundiária do município de Uberlândia foi o aumento da área das grandes propriedades e a diminuição das pequenas, evidenciando a concentração de terras nas mãos de poucos.

Assim, o que se pode perceber é que, em termos numéricos, a pequena propriedade é maioria no município de Uberlândia, o que não significa que ela ocupa uma área superior à das grandes propriedades, muito pelo contrário, como é possível observar pelos números da tabela anterior. Nesse sentido, a terra é mal distribuída no Brasil e no município de Uberlândia, perpetuando a predominância das grandes propriedades.

A questão da terra e da sua propriedade no Brasil não foi resolvida pelo modelo de desenvolvimento implantado no país pelos governos militares, pois a inserção de novas tecnologias no processo de “modernização” desse campo privilegiou determinados grupos, regiões, culturas²¹ e esse tipo de intervenção significou e ainda significa uma forma de lidar com a terra que privilegia o seu aspecto rentista, ou seja, a possibilidade de enriquecimento, de geração de lucros, de riqueza. Esse modelo de desenvolvimento e essa forma de conceber a posse da terra influenciaram a concentração fundiária, ao mesmo tempo em que tornou ainda mais grave o quadro de degradação ambiental, como lembra José Grabois, ao analisar a pequena produção no noroeste fluminense:

No Brasil [...] o modelo econômico vigente – concentrador de renda –, coerentemente implica a desvalorização da mão-de-obra e, com frequência na degradação ambiental. Faz da terra apenas um caminho para obtenção de lucro, não importando, na maioria dos casos, se esta riqueza natural está sendo utilizada de modo conveniente.²²

Esse modelo de desenvolvimento do campo, incentivado pelo

²¹ GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira 1960-1980*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.179.

²² GRABOIS, José (*et al*). O papel da pequena produção na organização de um espaço periférico: o caso do noroeste fluminense. In: CARNEIRO, Maria José, *et al* (Org). *Campo aberto, o rural no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1998, p.217.

Estado brasileiro, entre as décadas de 1960 e 1980, disseminou a necessidade de transformar a terra e os seus usos em algo lucrativo, mediante a transformação da mentalidade do agricultor. Dessa forma, as propagandas difundidas na imprensa estão perfeitamente alinhadas a essa concepção, como pode ser observado no exemplo abaixo:

Cuide com carinho do seu chão. Plante.
Da terra nasce a riqueza. Prepare a terra com amor. Quanto mais amor, mais lucro.
Plante.
O Governo está convocando todos os agricultores para aumentar a produção.
Acaricie seu chão com um trator. Em troca, ele produzirá em dobro.
O Governo financia, com juros reduzidos e a longo prazo, a aquisição de implementos agrícolas.
Alimente a terra. Com mudas e sementes selecionadas.
O Governo também lhe oferece crédito para isso.
Plante. Existem 90 milhões de brasileiros para consumirem a sua produção. Não se contente. Também existe o mercado exterior, que o Brasil quer conquistar.
Participe dessa conquista. Isso dá dinheiro.
A riqueza está no chão.
Plante.²³

Miranda, ao analisar essa propaganda juntamente com uma outra, “Alimente quem lhe dá alimentos”, enfatiza a atuação do Estado brasileiro no campo. Segundo ela, os textos dessas duas propagandas, os quais são muito parecidos “assumem um sentido metafórico, simulando uma relação amorosa entre o agricultor e a terra, na qual o uso dos insumos modernos representaria a base para o fortalecimento desse ‘amor’.”²⁴

²³ O futuro está no chão, *Jornal Correio de Uberlândia*, 19 jul 1970, p.05.

²⁴ MIRANDA, *op. cit.* p.68.

Esse ponto salientado por Miranda é de fundamental importância, uma vez que os formuladores da propaganda se utilizam do artifício do carinho que os produtores rurais, principalmente os pequenos, têm por sua terra para estimular a utilização dessas novas tecnologias, objetivando o lucro. O trecho inicial do texto da propaganda, “Cuide com carinho do seu chão. Plante. Da terra nasce a riqueza. Prepare a terra com amor. Quanto mais amor, mais lucro”, enfatiza esse aspecto do amor à terra que deveria ser cuidada, trabalhada, para produzir riqueza.

Entretanto, a terra tem valores e significados diferenciados para os diversos tipos de produtores rurais, pois aqueles que têm nela uma mera fonte de lucros valorizam-na enquanto um bem capaz de lhe enriquecer: “Hoje, é a noção de terra–ativo financeiro que seguramente comanda, homogeniza e articula os mais diversos interesses”,²⁵ mas para outros, o valor dela é representado muito mais pelo que ela proporciona em termos de modos de viver. Isso é o que salienta o Seu João, proprietário de 20 alqueires de terra no distrito de Martinésia que nasceu e vive até o momento no mesmo lugar:

toda vida eu plantei o arroz, o feijão, as despesas do gasto, toda vida, minha vida, eu sempre falo pros meus irmão, nós era 12, eles fôro pra cidade, todos estão aposentado, só o caçula que não é aposentado, todos aposentado com um salário bão e eu aposentei com salário mínimo, agora eu brinco com eles assim, que *minha vida, ganhando um salarinho mais foi muito melhor do que a deles, porque eu vivi fazendo aquilo que eu gosto*, eu, no tempo de novo onde eu sabia que tinha um animal perigoso eu lá ia pra desabafá os outros pião, gostava, carrear de carro de boi, toda vida eu fui fanático, o carro tá afastado ali dentro de uma varanda que eu não deixo ele saí por dinheiro nenhum, eu injeitei dinheiro nele que dá pra mim comprar um carrinho que usa hoje pra mim

²⁵ BRUNO, *op. cit.*, p.26.

²⁶ João Dias Neto, 77 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 31 jul 2005.

andar, mais eu num quero, tenho tudo arrumadinho pra recordação, já lutei muito na vida e então eu falo pro meus irmão, *minha vida foi muito melhor que a do céu, porque eu vivi e vivo até hoje fazendo aquilo que eu gosto*, porque eu até hoje, nessa idade, o dia que meu irmão não tá aqui pra me ajudar eu ainda levanto e ainda tiro cem, cento e tantos litro de leite sozinho.²⁶

O viver na terra, para Seu João, tem o significado de estar em um lugar que é seu, no qual ele se reconhece e que lhe possibilita viver fazendo aquilo que ele gosta. A terra, então, para ele tem um valor de vida, pois viver nela implica num ritmo diário no qual ele está acostumado, uma vez que nasceu e foi criado nessa mesma propriedade rural. E, nesse sentido, os valores dele com relação à vida no campo têm outros significados que não o da geração de lucros, mas sim os de um viver:

toda vida tinha umas vaquinha pra fazer fartura, que o jeito que foi criado, muito porco no chiqueiro. E levo a mesma vida até hoje, se falar que é pra mim por um porco no chiqueiro, um porquinho daquele de dá só carne, aquelas carne dura, eu brigo com qualquer um, não. Estur dia o povo que veio fazer, tá montando muito, é, as granjas aqui, já deve tê te falado, então, aquele menino que é genro do Pedro Cláudio que trabalha na prefeitura falou, cê não vai fazer uma lá não? Falei não, eu comigo é assim, lá em casa é assim, porco na minha propriedade tem que sê china, caruncho ou senão pião nacional, eu levo tudo no sistema antigo, no ritmo que eu nasci e criei e quero levar até o final.²⁷

Seu João valoriza o “sistema antigo” que, para ele, quer dizer continuar tendo suas vacas, os porcos no chiqueiro, manter o carro de boi. Assim, essa imagem de campo propagado, ou seja, o campo do agronegócio e das grandes plantações e rebanhos é muito diferente do campo de muitos produtores rurais que, como o

²⁷ João Dias Neto, 77 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 31 jul 2005.

Seu João, não aderiram às inovações, como por exemplo, os porcos de granja dos quais ele não admite a existência na sua propriedade. Seu João não promove a transformação da sua propriedade a fim de que ela produza em grandes quantidades, mas é preciso lembrar que ele se arriscou num financiamento e não obteve sucesso devido à perda da lavoura. Logo, sua experiência pode tê-lo tornado um pouco receoso das mudanças, essas que muitas vezes assustam os pequenos produtores, pois trazem certa insegurança, visto que o “sistema antigo” eles dominam, mas o novo, principalmente para os mais velhos, traz incertezas. Daí o repúdio a essas inovações.

Mas, o que saliento na fala de Seu João é a terra como valor de vida e também a valorização de um saber, de um fazer que lhe é próprio, o que não significa que ele não se aproprie de determinadas melhorias que a tecnologia lhe proporciona. Por exemplo, o telefone celular e a energia elétrica que ele mesmo reconhece o quanto transformou, e para melhor, a sua vida e a de sua família.

Nesse sentido, a terra tem significados diferentes, logo, a relação estabelecida com a natureza pelos produtores rurais também diverge, tendo em vista os valores atribuídos à terra e o que se espera obter dela. O modelo de desenvolvimento difundido a partir da década de 1960 foi pautado por uma relação de exploração dos recursos que a natureza tinha a oferecer, a fim de aumentar a produção e a produtividade agrícola e pecuária e gerar renda. As consequências desse tipo de intervenção na natureza são sentidas hoje e se expressam na preocupação com o desenvolvimento de uma atividade agropecuária que não a destrua.

Seu Argentino, proprietário de 10 alqueires de terra em Martiñesia desde o ano de 1970, evidencia na sua fala uma relação com a natureza que se baseia no respeito do homem para com ela. Ao ser perguntado se quando plantava utilizava adubos, fertilizantes, ele deu a seguinte resposta:

Não, ah, duns tempo pra cá, porque de primeiro num usava adubo nem nada, veneno nem nada, eu tocava lá no roçãõ, lá tem muito tatu, punha era óleo diesel, criolina no milho, então, aquilo catinha,

es vem pra rancá e num come, agora, de uns tempo pra cá é que tá usando Furadam, mais eu num gosto de usar não, *eu larguei de usá porque mata passarinho demais eu tem dó*, num gosto não, cê põe Furadam no milho, no arroz, é um limpa nos passarinho, é inhabú, é codorna, sariema, de tudo, fica os monte, aquilo ali num precisa engolir, basta só por na boca e já morre na hora.
O senhor prefere sem?
Ah é melhor, porque a gente fica com dó demais.²⁸

A fala de Seu Argentino mostra uma relação com a natureza que não é pautada pela lógica capitalista da obtenção de lucros, na medida em que ele valoriza a vida, a natureza e a preservação da mesma antes do lucro. No entanto, a posição de Seu Argentino não é e não foi a daqueles que, ao longo das décadas de 1960 a 1980, promoveram uma verdadeira depredação do patrimônio natural brasileiro. Um exemplo disso foi a intervenção nas áreas de cerrado,²⁹ o que Vanderlei Mendes de Oliveira lembra:

O Cerrado brasileiro foi incorporado ao desenvolvimento da agricultura e da indústria para atender as demandas de mercado externo. Os solos das áreas de cerrados, que antes eram utilizados com práticas de cultivos tradicionais, são incorporados pela tecnologia moderna (a maior responsável pela nova ocupação).³⁰

²⁸ Argentino Gomes de Melo, 72 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 28 out 2005.

²⁹ “O cerrado é o segundo maior ecossistema brasileiro e ocupa em torno de 25% do território nacional. Estudos indicam que apenas 1/3 da área estaria com sua vegetação original, sendo a expansão agropecuária um dos maiores responsáveis por isso.” PROGRAMA AGRÁRIO DA CAMPANHA PRESIDENCIAL DO PT – 2002. In: STÉDILE, João Pedro (org). *A questão agrária no Brasil*. v.3. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 232.

³⁰ OLIVEIRA, Vanderlei Mendes de. *A agroindústria e produção rural integrada no Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba (MG): um estudo sobre a avicultura*. 2000 171f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2000, p.112.

A investida no cerrado brasileiro ao longo do regime militar se deu mediante a implantação de um grande número de projetos,³¹ sendo o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro), criado em 1975, o projeto mais amplo, o qual abrangia além do estado de Minas Gerais, os estados de Goiás (que na época ainda incluía o território do atual estado do Tocantins, criado em 1989) e Mato Grosso (que na época incluía o território do atual estado do Mato Grosso do Sul, criado em 1977).³² A expansão para o cerrado do tipo de atividade agrícola e pecuária que estava sendo proposta naquele momento tinha o sentido claro de atender ao mercado externo, basta observar, por exemplo, o papel que o cultivo da soja – muito produzida nas áreas de cerrado – teve e ainda tem na pauta de exportações brasileiras. “A soja é a mais importante cultura para o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba”.³³

O tipo de ocupação do cerrado brasileiro, se por um lado promoveu a inserção de importantes culturas de exportação (como a soja, por exemplo, mediante a introdução de tecnologias modernas, tais como máquinas e implementos agrícolas, e também a utilização de adubos, fertilizantes, corretivos de solo etc.), por outro provocou a destruição desse bioma.

Em 1994, ocorreu em Uberlândia uma polêmica envolvendo justamente a questão da destruição ambiental provocada por esses tipos de atividade agrícola e pecuária que insere tecnologias modernas objetivando lucros e se esquece da preservação natural:

³¹ Em 1972 foi criado o Programa de Crédito Integrado e Incorporação de Cerrados (PCI) nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Paracatu, Alto e Médio São Francisco e Metalúrgica. Em 1973, o Padap (Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba), que teve seu direcionamento para os municípios de São Gotardo, Ibiá, Rio Paranaíba e Campos Altos. Cf. OLIVEIRA, 2000, p.113. Existiu ainda o Prodecer Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento do Cerrado, idealizado em 1974. Cf. www.agricultura.gov.br. Acessado em: 18 jun/2006.

³² OLIVEIRA, *op. cit.*, p.115-116.

³³ Cultura de cereais tomam conta do cerrado. *Jornal Correio de Uberlândia*, 27 set 1990, p.C-3.

Segundo a análise de Lobato, a agricultura tem destruído o cerrado com suas lavouras, principalmente a cultura de soja disseminada nas regiões de cerrado, onde o solo é barato e plano, facilitando esta atividade. Para ele, os empresários não se importam em derrubar a vegetação nativa para cultivar suas lavouras e, quando a terra está cansada, é mais barato comprar novas terras de cerrado em outras regiões, deixando para trás a terra sem a mata de cerrado e sem a lavoura.³⁴

A afirmação é do professor Roberto Lobato Azevedo Corrêa feita por ocasião da reunião especial da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), ocorrida em Uberlândia. Essa declaração provocou a resposta de setores ligados à produção agrícola logo no dia seguinte. O produtor de soja Marco Paulo Paiva, de 51 anos, fez a defesa desse tipo de investida no cerrado, alegando que é a agroindústria que sustenta o *superávit* da balança comercial brasileira e, segundo a sua declaração, a exploração do cerrado é justificada por essa razão.

“Não podemos competir em tecnologia com o exterior, e o único setor em que eles não têm como competir conosco é na agricultura. A agricultura no cerrado tem aumentado sua produtividade, graças inclusive, ao apoio da Embrapa, o que também contribui para evitar uma agressão maior à floresta amazônica”, disse o agricultor para quem, se não fosse a ocupação das áreas de cerrado por lavouras, a invasão da Amazônia seria inevitável e com conseqüências imprevisíveis para o ecossistema mundial.³⁵

As declarações do produtor rural induzem ao pensamento de que vale tudo para competir com outros países, inclusive destruir o patrimônio natural, e ele vai mais além, ao afirmar que é melhor atuar no cerrado que destruir a Amazônia. Ora o que está em discussão não é qual bioma deve ser preservado, uma vez que, para a preservação ambiental, é preciso que haja a conservação de

³⁴ Agricultura destrói o cerrado, diz professor. *Jornal Correio do Triângulo*, 12 abr 1994, p.09.

todos, mantendo o equilíbrio ecológico e as espécies da fauna e da flora de cada um deles.

A fala desse produtor rural ilustra bem o tipo de mentalidade que rege o modelo de desenvolvimento do campo, proposto com mais veemência a partir da instauração do regime militar brasileiro, ou seja, uma produção que visa sempre o seu aumento e também o da produtividade, gerando dividendos para o produtor e também para o país e, nesse sentido, o interesse do lucro, do capital está acima dos interesses ambientais.

No entanto, a degradação ambiental brasileira adquiriu proporções enormes, tanto que hoje, nas falas dos governos e das entidades ligadas à produção agrícola e pecuária, é forte a presença do discurso da necessidade de se empreender uma agricultura sustentável, que tem como um de seus focos preservar a natureza. A própria deterioração dos recursos hídricos sinaliza para a necessidade de se rever as posturas adotadas até o momento, a fim de não exaurir ainda mais uma natureza depredada por interesses rentistas, pois, como lembra Chesnais e Serfati, as agressões cometidas contra a natureza são feitas “no quadro de um modo de produção bem específico”³⁶, ou seja, o modo de produção capitalista.

Esses autores acreditam que a crise ecológica gerada pelo sistema capitalista não o colocará em xeque, uma vez que o capitalismo tem a capacidade de transformar “as poluições industriais, bem como a rarefação e/ou degradação de recursos como a água e até o ar, em ‘mercados’, isto é, em novos campos de acumulação”.³⁷ Essa ideia precisa ser melhor refletida, pois se é verdade que o capitalismo consegue lucrar, inclusive com as degradações ambientais, também é verdade que os recursos naturais são ne-

³⁵ Produtor defende exploração do cerrado. *Jornal Correio do Triângulo*, 13 abr 1994, p.9.

³⁶ CHESNAIS, François; SERFATI, Claude. “Ecologia” e condições físicas de reprodução social: alguns fios condutores marxistas. *Crítica marxista*, n. 16, 2003, p. 41-42.

³⁷ *Ibidem*, p. 33.

cessários a esse modo de produção, pois são fundamentais à própria reprodução da vida. Apesar da necessidade de maior reflexão sobre essa questão colocada por Chesnais e Serfati, o trabalho deles é de fundamental importância, na medida em que tratam as questões ambientais, ou seja, a crise ecológica que atinge o mundo, como uma questão mais ampla, isto é, uma questão que é política, econômica e social, uma vez que, como lembram, a exploração do homem e também da natureza empreendida pelo capitalismo reflete um “antagonismo profundo entre ele e as necessidades da humanidade”.³⁸

A interferência no campo da década de 1960 em diante foi orientada pelos valores capitalistas – não que antes o campo não fosse regido por esses interesses, todavia, o que houve foi um aumento na intensidade da intervenção – e se implicou numa nova forma de lidar com a natureza, também significou a transformação das relações de trabalho no campo, atribuindo a elas novos valores e significados.

Uma consequência da intervenção no campo ao longo do regime militar foi a diminuição progressiva de meeiros e parceiros, ou seja, de um tipo de relação de trabalho no campo, transformando esses homens e mulheres em trabalhadores assalariados no campo ou na cidade, como lembra Batista: “O meeiro vai se tornando um ator desnecessário ao cenário econômico do fazendeiro que incorporou, por exemplo, a pecuária como vantagem a seus rendimentos”.³⁹ Em minha conversa com Seu Adolfo,⁴⁰ que possui duas propriedades rurais no distrito de Martinésia, totalizando 133 alqueires, perguntei a ele sobre a existência de empregados em sua propriedade e ele me disse que hoje ele tem apenas dois que

³⁸ *Ibidem*, p. 68.

³⁹ BATISTA, Sheille Soares de Freitas. *Buscando a cidade e construindo viveres: relações entre campo e cidade*. 2003, 138f. Dissertação de Mestrado em História Social – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p.45.

⁴⁰ Adolfo José de Almeida, 65 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

cuidam do gado, mas quando ele plantava, ou seja, até a década de 1980, ele o fazia com meeiros. Inclusive a família de minha mãe, uma família de oito filhos, chegou a trabalhar nesse sistema com Seu Adolfo e seu irmão, Seu Antônio, e todos, sem exceção, estão na cidade, ninguém permaneceu no campo.

A fragilização desse tipo de relação de trabalho significou a necessidade de assalariamento, algo que trouxe ainda mais instabilidade para a vida de muitas dessas pessoas, que passaram a ter que trabalhar como bóias-frias quando há trabalho no campo e a fazer algum tipo de “bico” na cidade, visto que não têm qualificação profissional e, em muitos casos, não conseguem uma colocação digna no mercado de trabalho. Muitos acabam tendo que se sujeitar ao trabalho temporário em propriedades rurais, o que é muito usado pelos produtores rurais no distrito de Martinésia, que, sem condições de manter um funcionário, devido aos encargos trabalhistas, recorrem a trabalhadores temporários, diaristas, para realizar pequenos trabalhos em suas propriedades por períodos de tempo curtos.

O trabalho do homem do campo, tanto daquele pequeno proprietário que, com seu próprio suor, realiza as tarefas da propriedade rural, quanto daquele que não sendo proprietário também tem no trabalho no campo sua fonte de renda, é árduo e requer dedicação e esforço muito grandes. Em entrevista com o Seu Duarte, que vive na propriedade do seu sogro em Martinésia, quando perguntado sobre a importância da terra para ele, respondeu:

Uai, eu não sei se é porque eu toda vida vivi na roça, não é dizer, não vô falar pro cê que é mais fácil que na cidade, né, mais a maioria das pessoas acha assim, lá na roça cê vai lá e põe lá e depois cê vai colhê, né não, *gasta zelo, tem que trabalhar, tem que levantar cedo, não tem hora de parar*, mais é, eu gosto.⁴¹

Seu Duarte me falou o que significa o trabalho no campo.

⁴¹ Duarte César Justino, 51 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

Mais que simplesmente plantar e colher, ele requer o cuidado, a atenção, o zelo e o acompanhamento da plantação, visto que é preciso verificar a existência de qualquer problema, tais como pragas, doenças, dentre outros, e isso imprime uma rotina de trabalho ao homem do campo que é estafante, “tem que levantar cedo, não tem hora de parar”. Algumas propagandas disseminadas pela imprensa naquele momento dão a ideia de que quem planta colhe, fazendo uma relação automática entre o plantio e a colheita, mas sabe-se que a atividade agrícola é marcada pela incerteza, devido aos aspectos naturais e climáticos. Logo, não necessariamente quem planta obtém o sucesso insinuado por essas propagandas e os pequenos produtores rurais são os que mais sofrem com isso, pois não têm, na maioria das vezes, condições de arcar com as perdas das lavouras. Essas propagandas desconsideram, portanto, todo o intervalo de tempo entre o plantio e a colheita, isto é, todo o trabalho que o produtor enfrenta no período de crescimento das lavouras, cuidando e zelando, trabalhando intensamente para que, ao final da colheita obtenha sucesso (o que nem sempre significa que os preços dos seus produtos compensarão as despesas com a lavoura).

O trabalho no campo, apesar de ser marcado pela incerteza, de ser desgastante fisicamente e de muitas vezes não gerar retornos financeiros satisfatórios é entendido pelo Seu Argentino como algo extremamente prazeroso, pois quando eu perguntei a ele o tipo de diversão dele e de sua esposa, respondeu: “Não, aqui, mexendo com as criação”.⁴² O trabalho com a plantação e com os animais é, para seu Argentino um momento que não é encarado como uma obrigação pura e simplesmente, mas é um momento de prazer, na medida em que ele tem no campo a identificação de um viver, pautado pela relação com a natureza, pela convivência entre o homem e o meio em que vive, o que significa uma forma de entender e de viver o campo não como o lugar da simples obten-

⁴² Argentino Gomes de Melo, 72 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 28 out 2005.

ção de riqueza, mas sim como um que lhe proporciona um modo de viver.

A imagem que se faz na sociedade do trabalho e do homem do campo vai da sua exaltação como herói até o preconceito. Uma mensagem do escritório local da EMATER, por ocasião do dia do agricultor, comemorado em 28 de julho, expressa esse tipo de visão.

Nenhuma data mais justa para prestarmos nossas sinceras homenagens a tão nobre profissão, ora representada por uma minoria, afastada do progresso das cidades e embrenhada na *vida bronca e humilde das roças*, desempenhando a *ádua e sagrada missão* de produzir alimentos para uma maioria esmagadora população urbana! [...]. Através das cortinas está o agricultor, *homem de vida simples, pouco exigente*, que enfrenta de sol a sol as intempéries, derramando seu suor no calor e na quietude dos campos!⁴³ (grifos nossos)

A imagem do agricultor, do homem do campo, presente nessa mensagem é o de um homem que, mesmo sendo simples tem uma missão de grande vulto: alimentar o país. Nesse sentido, ele é exaltado como herói, entretanto, essa mesma mensagem faz uma leitura preconceituosa da vida desse homem, vida essa que seria "*bronca e humilde*", ou seja, aqueles que estariam afastados do progresso. Desse modo, o paradigma para essa leitura preconceituosa do agricultor é a sociedade "progressista" que estava sendo implantada, inclusive no campo, mas da qual esses homens não faziam parte. Assim, eles eram qualificados como homens rudes e simples que não estavam em sintonia com as transformações do campo, baseadas na modificação da base técnica das atividades agrícola e pecuária.

Desta forma, a racionalidade científica era exaltada em detrimento do saber desses homens e mulheres, o que fica muito claro

⁴³ Dia do Agricultor! *Jornal Correio de Uberlândia*, 29 jul 1983, p.3

numa propaganda sobre o combate à febre aftosa.

ERA UMA VEZ O BENZEDOR

Gente, vamos arrumar um verdadeiro trabalho para o benzedor.

Afinal de contas, êle, também, é filho de Deus.

Se fôr muito velho, merece uma aposentadoria.

Desde que não mexa com o gado. Esta é a melhor prova de amor ao seu rebanho, pois aftosa se combate, mesmo, é com vacina.

VACINAR É INVESTIR.⁴⁴

A propaganda acima faz uma relação entre os saberes da experiência e a racionalidade científica, sendo que a última deveria prevalecer em detrimento da primeira. A racionalidade da ciência e da técnica é, então, evocada com ares de total superioridade em relação aos saberes da experiência. É certo que a vacinação do gado contra a febre aftosa é de fundamental importância para o rebanho, entretanto, acredito que o tipo de apelo utilizado na propaganda seja desqualificador e, de certo modo, desmoralizador daqueles homens e mulheres que têm na reza uma forma de resolver os seus problemas práticos. Logo, o enfoque da propaganda tem um tom de desmerecimento dessas pessoas, que estariam “ultrapassadas” e “atrasadas”.

Os saberes acumulados, ou seja, as vivências, as credences, são importantes, na medida em que têm um sentido na vida dessas pessoas. Por exemplo, a benção contra febre aftosa: muitos na zona rural ainda hoje acreditam na sua eficácia e não estão “fora do tempo”, isto é, dando valor a coisas superadas pela ciência, eles estão valorizando aquilo que para eles faz sentido, devido à forma como foram criados e como viveram as suas vidas.

É muita rica a experiência de vida desses homens e mulheres que sempre viveram suas vidas no campo e eles próprios têm consciência disso. Em minha conversa com Dona Carmem, que viveu 43 anos numa propriedade rural de Martinésia, quando per-

⁴⁴ Era uma vez o benzedor, *Jornal Correio de Uberlândia*, 19 nov 1971, p.7.

guntei se poderia citar o nome dela e o que ela me disse, no meu trabalho, respondeu:

Uai, que que é isso, não tem melhor honra, uai, desde quando nós, eu acho que o que eu falei aqui ou o Zildo [seu esposo] expicô num tem mentira nenhuma, nem aumento, o que nós falou, nós até nem falou tudo da nossa vida, né, assim, das vivência de trabalho e tudo [...] *Eu num tenho estudo*, o Zildo ainda tem mais estudo, agora eu não, *eu tenho experiência de vida*, tem muitas pessoa estudada, que tem estudo e tem assim, um grau de estudo elevado, num sabe andar dentro do Uberlândia.⁴⁵

Dona Carmem sabe o valor que tem a sua vivência, os saberes que ela foi acumulando ao longo de sua vida que, para ela, podem ser mais eficazes que o estudo formal, tendo em vista que ela, sem ter estudado, consegue fazer coisas que pessoas que têm estudo não conseguem. Os saberes de pessoas como Dona Carmem têm muito a ensinar às outras, pois mesmo não sendo saberes sistematizados numa educação formal têm eficácia na vida diária e ela relata isso ao dizer que fez um curso de plantas medicinais:

Mais eu aprendi a fazer os chá, os xarope, *mais os xarope que eu aprendi é aqueles xarope que a gente usa mesmo*, pras gripe, daquelas erva que eu já sabia mais num tinha a prática, de, de, a quantia, né, que põe, mais eu já tinha, assim, uma certa experiência.⁴⁶

Dona Carmem, como outros que viveram no campo durante toda sua vida, acumulam esses saberes. Por exemplo, essas pessoas dominam a utilização de ervas curativas e só não têm esse

⁴⁵ Carmem Martins da Silva, 67 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

⁴⁶ Carmem Martins da Silva, 67 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul /2005.

saber sistematizado como aqueles que estudam cientificamente essas ervas.

Esses homens e mulheres que vivem no campo preservam no seu dia-a-dia esses saberes, jeitos de fazer e formas de viver que são mantidas mesmo com a interferência de novos valores, o que não significa que tais saberes não sofram modificações, adaptações, reelaborações ao longo do tempo, uma vez que os sujeitos (re)significam suas vidas mediante as transformações que se processam na sociedade, modificações essas que interferem em suas vivências.

A intervenção que vem sendo discutida, feita mediante a inserção de tecnologias modernas, procurando dar um novo sentido ao campo, modificou a vida do homem do campo, pois a produção para a subsistência deixou de ser o objetivo das atividades agrícola e pecuária, sendo que os produtores foram incentivados a produzir cada vez mais para o mercado, especializando a sua produção.

A introdução desses novos valores, mesmo não tendo sido de todo abraçados pelos produtores rurais (em especial os pequenos, porque foram excluídos dessa transformação) de toda forma modificou a vida no campo. A produção passou a ser direcionada para o mercado e isso significou a transformação do seu sentido e também do próprio trabalho.

Esses produtores reordenam suas atividades, buscam trabalhos alternativos e vêem suas vidas diárias serem transformadas, o que pode ser percebido no afastamento dos vizinhos, nos filhos que preferem a cidade ao campo, na introdução de novos hábitos alimentares, na aceleração do tempo etc.

Na atualidade, as pessoas percebem o tempo de forma diferente, é como se ele estivesse passando mais rápido. O Seu Rubens, proprietário de 23 alqueires de terra em Martinésia, ao ser perguntado se sua vida é mais corrida, respondeu que:

Mais corrida, muito mais corrida.

Por que o senhor acha?

Não sei, mudou que eu não sei explicar, mais que é mais corrida é.

O tempo ficou curto, eu num sei explicar mesmo essa parte aí porque, ficou muito curto o tempo da gente, uai uma semana passa cê nem vê, *num sei se é porque aumentou mais o serviço pra gente*, de primeiro a gente tinha prazo, a gente falava vamos lá na cidade passear, não, hoje num tem prazo de passear, num tem nada. A vida é corrida, levanta cedo e é o dia intero mexendo.⁴⁷

Seu Rubens sabe que sua vida mudou e diz não conseguir explicar o porquê, mas ele próprio, de certa forma, arrisca uma interpretação dessa transformação: “num sei se é porque aumentou mais o serviço pra gente, de primeiro a gente tinha prazo”. O excesso de trabalho talvez seja, a causa dessa *falta de tempo* que aflige não só a ele, mas à sociedade atual como um todo. O Seu Rubens produz milho para comercialização e também exerce a pecuária leiteira. Diante das dificuldades enfrentadas pelos produtores rurais como, por exemplo, o preço do adubo, da semente e também a baixa lucratividade obtida com a produção, acredito que o trabalho se torne mais estafante ainda, pois o produtor trabalha e não tem os retornos do seu esforço, só vê o tempo passando e a situação se agravando. Tendo que produzir para o mercado e não recebendo o retorno esperado esses produtores acabam precisando trabalhar cada vez mais e percebem, assim, que seu tempo passa cada vez mais rápido. Logo, eles não têm tempo para se dedicar a outras atividades como o passeio, tal como lembra Seu Rubens.

É curioso como essas transformações, no que diz respeito ao trabalho e ao tempo do homem do campo, interferem na sua própria religiosidade. O distrito de Martinésia é marcado por duas festividades religiosas, as comemorações em louvor a São João Batista e a Santos Reis.

As festas em louvor a São João Batista são um costume que permanece em Martinésia, mas falar em costume não significa que essas festas se realizem do mesmo modo que há 20, 30, 50 anos

⁴⁷ Rubens Vieira, 59 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 28 out 2005.

atrás. Muito pelo contrário, ao serem transmitidas pelas gerações elas foram sendo modificadas, uma vez que, sendo feitas pelas pessoas, essas festas sofrem acréscimos, reduções, enfim, inúmeras transformações são introduzidas, a fim de que elas continuem fazendo sentido para as pessoas.

Tradicionalmente, as festas de São João Batista eram comemoradas com a realização de uma novena, iniciada no dia 15 de junho e encerrada no dia 23. Nesses dias de novena, os participantes se reuniam para rezar o terço, participar da missa e logo após as orações era realizada a quermesse, constituída de comidas, bebidas e do leilão de prendas doadas pelos fiéis, tais como doces, verduras, bezerros, leitoas, galinhas, roupas, pratos assados, como leitoas e frangos etc. O dia 23 de junho é um dia especial que antecede a festa de São João Batista. Nesse dia é feita uma fogueira, na qual as pessoas batizam os filhos e também “levantam o santo”, ou seja, embalados pelo hino de São João Batista os fiéis introduzem uma bandeira, que tem estampada a imagem do santo, num longo mastro o qual é erguido sob gritos de “Viva São João Batista!” e também da queima de fogos de artifício. O dia da festa de São João Batista é 24 de junho. Nesse dia os fiéis seguem em procissão carregando o andor com a imagem do santo e depois acontece a quermesse.

Essa festa, como mencionado, passou por transformações na sua organização, por exemplo, no programa da festa, que era feito com os nomes dos casais que seriam novenários em cada dia e eram responsáveis por doar uma prenda para o leilão. Hoje, ele conta somente com os nomes das regiões e não mais das pessoas. Outra modificação se deu nos espaços da festa, uma vez que os leilões antes realizados no coreto, passaram a ser realizados no interior de um salão que existe ao lado da igreja, no qual as pessoas se reúnem.

E houve ainda a modificação nos dias da novena, antes, realizadas entre os dias 15 e 23 de junho, e que passaram a acontecer durante três finais de semana. Seu Hélio, proprietário de 17 alqueires em Martinésia, aprova a modificação: “Junta mais gente, né, dia de semana tem semana que pode contar as pessoas

que junta. No fim de semana fica bem melhor.”⁴⁸ Seu Duarte é outro que também acha que a modificação é benéfica:

de segunda até quinta não é fácil de reunir, o povo mora longe, a maioria, e os festeiros que ia, assim, segunda, terça.

Não dava ninguém?

Não, o movimento era muito ruim, é difícil, né, porque a pessoa trabalha todo dia, aí chega à tarde tê aquela obrigação de segunda até sexta, sábado, domingo, então os três final de semana ficou melhor, deu bem mais movimento.⁴⁹

Seu Hélio e Seu Duarte aprovam a realização das novenas nos finais de semana pelo fato de que sendo durante a semana o movimento era pequeno. Mas é aqui que está um ponto importante para ser discutido, uma vez que Dona Rosângela – nascida numa propriedade rural do distrito de Martinésia e tendo vivido nele até os seus 15 anos – lembra como durante sua infância e adolescência as novenas eram acompanhadas por sua família, assim como por muitas outras que residiam nas proximidades do distrito de Martinésia: “a gente não tinha carro, ia todo dia, todo dia pra novena, a gente ia a pé, é, meu pai e nós, todo mundo ia todo dia, a gente, os nove dias a gente participava das novenas”.⁵⁰

Desta forma, o que mudou na vida das pessoas que residem próximo ao distrito? Como lembra Dona Rosângela, as novenas eram acompanhadas os nove dias pelas famílias e, atualmente, pelas falas de Seu Hélio e Seu Duarte, pode-se perceber que elas não participam das novenas durante a semana, pois trabalham. Mas, antes, as pessoas também trabalhavam e, mesmo assim, participavam assiduamente das novenas. De tal modo, parece que

⁴⁸ Hélio Pereira Lima, 56 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

⁴⁹ Duarte César Justino, 51 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

⁵⁰ Rosângela Rastrel e Silva, 44 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 07 ago 2003.

os valores são, de certa forma, modificados, tendo em vista que o trabalho pode ter se tornado mais estafante, mais penoso, e as pessoas não se dispõem a participar da festa, visto que estão cansadas, exauridas por ele, pois o trabalho é realizado em função das necessidades do mercado. Logo, o produtor, além de se preocupar com o sucesso da plantação, também tem que se preocupar se vai conseguir negociar a produção com valor satisfatório e gerar a renda necessária à família. Graziano da Silva evidencia as dificuldades que a pequena produção passa a enfrentar ao ser inserida no mercado:

A pequena produção, conforme se vai inserindo na economia de mercado, passa a ter uma inferioridade cada vez maior em relação à grande propriedade, sendo obrigada a exigir maiores esforços dos que nela trabalham de modo a compensar essa situação desfavorável.⁵¹

Seu Rubens salienta em sua fala essa relação entre o trabalho e a participação nas festas:

E a festa de São João, esse ano ela foi feita no final de semana, o senhor acha que é melhor?

A gente, a gente tem de mudar, a tradição é muito melhor, quando era antigamente, mais como *hoje o povo é mais ocupado*, num tempo de saí, é mais difícil, então, do jeito que feiz, nos fim de semana, a gente acha melhor.⁵²

Nesse sentido, o tempo das pessoas é despendido na realização do trabalho e o lazer, a participação nas festividades religiosas acaba tendo que ficar em segundo plano. Assim, as transformações ocorridas nas relações de trabalho e nas formas de produção que ocorreram na sociedade brasileira vieram acompanha-

⁵¹ SILVA, *op.cit.*, p.38.

⁵² Rubens Vieira, 59 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 28 out 2005.

das de uma modificação na vida diária das pessoas, o que Thompson procurou evidenciar ao trabalhar com a cultura dos trabalhadores nos séculos XVIII e XIX, na Inglaterra. Ele argumenta que a cultura deve ser analisada a partir das relações sociais, da exploração, da resistência: “a ‘cultura popular’ é situada no lugar material que lhe corresponde”.⁵³ Assim, é preciso colocar em discussão como as transformações são vivenciadas pelas pessoas, seja no trabalho, nas relações familiares, de vizinhança etc.

As festas religiosas não deixaram de ser realizadas, no entanto, os sujeitos as transformaram e transformam, a fim de que elas sejam realizadas de uma forma condizente com o ritmo de vida que elas levam.

Essa transformação também ocorreu com as festas de Santos Reis que são realizadas em Martinésia, uma tradição de longa data nesse distrito. Tradicionalmente, as comemorações de Santos Reis têm início no dia 25 de dezembro, quando acontece a “saída da folia”, uma peregrinação feita pelos foliões que lembra a procura dos Reis Magos pelo menino Jesus. Durante essa peregrinação, os foliões percorrem as casas recolhendo doações para a realização da festa e são precedidos de uma bandeira com a imagem dos Reis Magos contemplando o menino Jesus. A peregrinação termina no dia 06 de janeiro, dia de Santos Reis, no qual é realizada uma festa composta pelo canto da folia em direção ao presépio. Posteriormente, é servida a refeição aos participantes, depois reza-se o terço e os festeiros do próximo ano são coroados.

Assim como aconteceu com a festa de São João Batista, a de Santos Reis também foi modificada e uma das principais transformações é o dia da festa, isto é, ao invés de ser realizada do dia 06 de janeiro, tem sido feita no final de semana mais próximo a esse dia, o que agrada a uns e desagrada a outros:

⁵³ THOMPSON, E. P. Introdução: costumes e cultura. In: _____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.17.

O senhor tem costume de ir na festa de São João?

Eu vô todos os anos.

Esse ano parece que foi feita no final de semana.

Já faz uns três anos que eles, mudou o dia pra fazer final de semana, é uma coisa que eu discordo, mais a gente hoje num manda em nada. Eu acho que a festa, se é São João Batista ela tem que sê feita dia vinte e quatro. Se nós vamo fazer uma festa religiosa de Reis, por exemplo, que é nossa tradição aqui, nós tem que fazer ela dia seis de janeiro.

E também já estão mudando isso?

Já tá mudando, então, eu acho que o povo quer mudar uma coisa, um regulamento duma tradição que nós achou, eu acho isso muito errado. O certo é no dia, tanto que eu já fiz festa de Reis, praticamente umas quatro cinco vez, meus filho faz, eu tô no meio, mais eu, se for, este ano meu neto é festeiro, mais já exigi, ela tem que sê feita no dia seis, quando, se tiver um dos meus filho, neto, tem que sê feito dia seis, eu não aceito mudar. Eu faço por devoção.⁵⁴

A modificação dos dias das festas, se agrada ao Seu Duarte, ao Seu Hélio e a tantos outros, não agrada ao Seu João, que justifica o seu posicionamento mediante a tradição. Ao dizer “*Eu faço por devoção*” ele parece estar indo contra uma tendência, principalmente das festas de Santos Reis, que é a dimensão não religiosa que cada vez mais toma conta das festas, ou seja, as pessoas participam delas em função da comida servida, do baile, das bebidas que são vendidas e não pela devoção, o que causa esse desconforto em Seu João. Mas, o fato é que essas festas sendo realizadas nos finais de semana permitem maior participação, tendo em vista que as pessoas trabalham ou estudam.

Nesse sentido, o campo se modificou, não só nas relações de trabalho, nas formas de produção, mas também na vida diária do homem do campo, basta ver esse exemplo das festas religiosas

⁵⁴ João Dias Neto, 77 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 28 out 2005.

que sofreram transformações a fim de se adaptarem a essa nova vida.

A relação de vizinhança foi outro aspecto que os moradores do campo viram se transformar. Seu Duarte salienta que continuam a existir laços de amizade, no entanto, os passeios nas casas dos vizinhos tornaram-se menos frequentes:

Não, a união, eu acho assim, continua a mesma, só que aquela frequência de passeio, acho que depois da televisão a maioria fica em casa assistindo sua novelinha, então, se tem alguma festinha, reunião, é normal, a amizade é a mesma, né, só que as visitas ficaram mais distante.⁵⁵

Dona Adelina, proprietária de 13 alqueires de terra em Marti-nésia, também percebeu essa mudança:

Porque hoje o povo parece que esqueceu ou num sei o que que tá passando entre o povo, porque não se faz mais visita, muito difícil, de primeiro era, domingo, assim, ia tudo visitar uns aos outro, agora hoje tá muito diferente, parece que *encontra só quando encontra numa festa, num velório, uma coisa assim*.⁵⁶

Os encontros entre os vizinhos, como lembra Dona Adelina, parecem estar condicionados, hoje, ao acaso, “encontra só quando encontra numa festa, num velório”, uma vez que as visitas que eram realizadas nos finais de semana não acontecem mais: “E acabou isso, uma que às vezes, esse negócio de visitar, engraçado, né, às vezes você vai na casa de um amigo você não deixa de atrapalhar ele em alguma coisa, às vezes quer sair, fazer alguma coisa, acabou isso”.⁵⁷

⁵⁵ Duarte César Justino, 51 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

⁵⁶ Adelina Fernandes, 78 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

⁵⁷ Francisco Fernandes Pimentel, 59 anos, entrevista realizada em sua residência no dia 26 jul 2005.

A fala do Seu Francisco salienta um aspecto importante que hoje marca as relações interpessoais, o individualismo, expresso no medo de atrapalhar as pessoas que atualmente estão absolutamente concentradas em seus próprios interesses, daí o receio de que a visita cause constrangimento. A sociedade atual é marcada pelos valores individualistas e os que vivem no campo também estão inseridos nessa lógica, porque fazem parte dessa sociedade, na qual as pessoas “sofrem” de falta de tempo para si próprias, o que Jorge Riechmann considera uma “enfermidade cultural”. Esse autor lembra um ditado africano, o qual assinala que “todos los blancos tienen reloj, pero nunca tienen tiempo”.⁵⁸ Nesse sentido, as pessoas não têm tempo para o estabelecimento de relações pessoais, expressas, por exemplo, por meio das visitas aos amigos que se tornam cada vez mais raras, uma vez que as pessoas ficam presas aos seus próprios afazeres e usam o seu tempo livre diante da televisão, como lembra Seu Rubens: “hoje o cara fica quieto, por exemplo, eu tem um empregado ali, ele tem televisão, tem tudo, então, hoje ele não sai de casa, ele fica mais quieto”.⁵⁹

Perante as dificuldades que circunscreve as atividades agrícola e pecuária, atualmente, o desgaste dos produtores é maior, fazendo com que eles prefiram o sossego do lar que os passeios. Dona Regina, esposa de Seu Francisco, salienta como os encontros e as reuniões para contar histórias foram deixando de existir: “[...]”e eu sempre falava, o Seu Augusto gostava de contar histórias pra nós de assombração e hoje tudo isso acabou, né, ninguém vai mais na casa de ninguém, a vizinhança cuida do seu servicinho pra lá”.⁶⁰

⁵⁸ RIECHMANN, Jorge. *Tiempo para la vida*. La crisis ecológica em su dimensión temporal. Málaga, Es: Imprenta Montas, 2003, p.8.

⁵⁹ Rubens Vieira, 59 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 28 out 2005.

⁶⁰ Regina Helena de Oliveira Pimentel, 45 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 26 jul 2005.

As relações de vizinhança na cidade também se modificaram e hoje são cada vez mais pautadas pelo individualismo, pelo apreço à “privacidade”:

A política da boa vizinhança, considerada por muitos como sendo primordial para um bom convívio social, especialmente, para a segurança da própria residência, nem sempre é vista com bons olhos por parte dos moradores. Adultos e jovens solteiros casados afirmam que não gostam de muito contato com os vizinhos, uma vez que isso pode comprometer a intimidade da família. Por sua vez, os mais idosos ou casais mais maduros continuam buscando se socializar com os antigos e novos colegas de bairro, acreditando que essa convivência seja saudável e benéfica em vários sentidos.⁶¹

Ocorre, então, uma transformação na sociedade, sendo que se tem uma busca pela “proteção” da vida familiar da interferência de outras pessoas, o que acaba por levar ao isolamento. As classes médias e altas, por exemplo, se refugiam nos condomínios fechados que pregam a segurança, o conforto e a privacidade.

A sociedade contemporânea é marcada, então, pelos valores do individualismo, do imediatismo e do consumismo que arrasam as relações interpessoais, na medida em que o que prevalece acaba sendo os interesses próprios e, assim, é preciso correr contra o tempo, trabalhar para alcançar aquilo que é objeto de desejo, pois o poder de consumir tem movido as pessoas, o que não significa que essas tenham uma vida melhor, como lembra Wallerstein ao trabalhar com as contradições do progresso no sistema capitalista:

Talvez 85% das pessoas que vivem dentro da economia-mundo capitalista não tenham padrões de vida superiores àqueles das populações trabalhadoras do mundo há quinhentos ou mil anos. [...] De qualquer modo, as pessoas trabalham muito mais para se manter;

⁶¹ Idosos valorizam mais a boa vizinhança. *Jornal Correio*, 05 jan 2003, p. B-1.

provavelmente estão comendo menos, mas seguramente estão comprando mais.⁶²

Ao incorporar tais valores capitalistas, a vida das pessoas foi sendo modificada e até o próprio tratamento entre pais e filhos se transformou, o que Seu João percebe e lamenta:

O senhor acha a vida hoje melhor que antes?

Bom, nuns pontos é, nuns ponto pra viver é, só a vida hoje é mais ruim, eu acho que, no meu tempo nós mandava na nossa família, agora nós num manda na nossa família mais, *evoluiu demais*, uma coisa passada pro meu jeito.

O senhor fala em relação aos filhos?

Com os filho, com tudo que há, a criação, é tudo diferente. Filho hoje num tem aquele modo que a gente foi criado, eu até hoje eu tô lá na cidade, sempre eu fico na casa da minha irmã, no fundo, pra dormir, mais eu levanto, não vou pra arrumar meus negócios na rua sem entrar lá dentro de casa, saber da minha mãe, saber como é que ela passou e tomar bênção, eu não saio. E hoje cê não vê, os filho chega perto dos pai e aquele jeito, *o mundo evoluiu demais*, eu acho muito esquisito, chega, em vez de pedir a bênção, oi, oi, e eu acho tão interessante o filho chegar perto do pai e pedir a bênção e ele, Deus, abençoa meu filho. Eu gosto demais do respeito porque muita gente põe os filho pra estudar, muitos pai, não é todos, põe os filhos pra estudar, acha que os filho tá lá na escola tá aprendendo, ele não precisa dá educação de berço, mais leitura, se não tiver educação do berço num, a leitura é perdida, *a educação de berço vale mais do que papel*.⁶³

Seu João percebe a transformação que ocorre e tem ocorrido

⁶² WALLERSTEIN, I. Sobre progressos e transições. Um balanço. In: _____. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001, p.105.

⁶³ João Dias Neto, 77 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 31 jul 2005.

na sociedade, pois ele disse e repetiu que o mundo “*evolui demais*”, ou seja, as coisas mudaram e, na avaliação dele, para pior, uma vez que os filhos não respeitam mais os pais e um costume muito comum até há algum tempo, o de pedir a bênção para os pais, avós, tios, etc. está se perdendo e dando lugar a um tratamento menos respeitoso para Seu João, como um simples *oi*. Seu João ainda salienta outro aspecto que é a necessidade da educação formal estar aliada a uma “*educação de berço*”, que dê uma base familiar que ensine o respeito aos outros, ou seja, ele está evidenciando na sua fala a crise de valores que assola a sociedade atual.

A percepção e a análise de Seu João levam a pensar sobre o fato de que ele é um senhor de 77 anos que viveu toda sua vida no campo, mas que isso não significa estar isolado, muito pelo contrário, pois ele reconhece a transformação social, na medida em que ela não se dá só nas cidades, como muitas vezes se considera ao dar ao campo um *status* de lugar bucólico, idílico, puro, isto é, um lugar que estaria livre da corrupção humana, da interferência de valores capitalistas. Os moradores do campo, assim como os da cidade, vivenciam essa transformação de valores na sociedade, o que implica numa forma de viver que é diferente da de algumas décadas atrás e que será diferente das décadas posteriores.

Nesse sentido, o mundo não é mais o mesmo, logo, o campo também não é. Assim, uma questão que inquieta quem se debruça ao estudo desse espaço, hoje, é quanto ao futuro da terra, principalmente das pequenas propriedades, porque a tendência é crescente no sentido de que os jovens deixem o campo e busquem na cidade o seu futuro. E a terra dos pais, que destino terá? Essa incerteza marca as falas do Seu Francisco e de Dona Regina, sua esposa:

O que você espera desse futuro? Dos filhos?

Dona Regina: Não espero grande coisa não.

Seu Francisco: Eu penso que os filhos não vai mexer com isso aqui não.

Você acha que não?

Seu Francisco: Eu penso que não.

Dona Regina: A gente não pode esperar muito, porque a tecnologia tá aí, a pessoa tem que estudar e procurar outros rumos.

Seu Francisco: A vida do produtor não é fácil, o produtor é que menos tem valor, assim, a gente não é dono do que faz, né, tudo o que faz você não põe preço, é o preço que cê acha, né.⁶⁴

Seu Francisco e Dona Regina não esperam que os seus dois filhos dêem continuidade ao trabalho com a terra, pois o futuro deles estaria no estudo e na busca de “*outros rumos*”, ou seja, a atividade agrícola e pecuária não é o caminho que os filhos pretendem tomar e também parece não ser o caminho sonhado pelos pais para os seus filhos, pois é com grande desalento que Seu Francisco narra o que é a vida do produtor rural. Este não tem valor e “*não é dono do que faz*”, na medida em que quem coloca o preço na sua mercadoria não é o produtor. O próprio Seu Francisco reclama da incoerência que existe na comercialização dos produtos agrícolas, pois o leite vendido pelo produtor tem um preço baixo, no entanto, quando o consumidor vai ao supermercado comprar um litro de leite paga caro por esse produto.

A leitura que o Seu José Geraldo, proprietário de 10 alqueires em Martinésia, faz também não difere muito daquela feita por Seu Francisco e Dona Regina:

aqui nasci, aqui vivo esses anos todos, eu costume brincar como meu pai, *isso aqui é pra dar inventário*, meu pai sempre falava, isso aqui era pra dar inventário, quer dizer, pra ficar pros filhos. Então *não sei no futuro que interesse que as minhas filhas terão por isso aqui*,[...] então a minha terra aqui é tudo pra mim, é aqui que eu tenho a certeza, é o lugar que eu tenho pra mim viver e pra mim tirar a minha sobrevivência, [...]. E também tem aquela ques-

⁶⁴ Regina Helena de Oliveira Pimentel, 45 anos e Francisco Fernandes Pimentel, 59 anos, entrevista realizada na residência do casal, no dia 26 jul 2005.

tão do amor mesmo, né, eu nasci aqui, né, então *eu conheço praticamente cada palmo dessa terra*, acho que tem até isso numa música, né, mas eu realmente conheço cada palmo dessa terra aqui, desse sítio.

A relação de Seu José Geraldo com a terra é, como ele mesmo salienta, de amor, pois nasceu e se criou nela, conhecendo cada pedaço dela e essa terra tinha para seu pai e tem para ele o sentido da herança, da transmissão ao longo das gerações. No entanto, ele, assim como milhares de produtores, especialmente os pequenos, não sabem se seus filhos darão continuidade ao seu trabalho, visto que a atividade agrícola e pecuária, atualmente, para esses produtores, é de difícil realização, o que não desencoraja o Seu José Geraldo que, apesar de trabalhar na cidade, sabe do valor que a terra tem em sua vida como um espaço que, de alguma forma, lhe proporciona certa segurança e também referências sobre quem ele é.

Esse valor da terra passada ao longo das gerações também é enfatizado por Seu Hélio quando foi perguntado se achava que seus filhos continuariam o seu trabalho na propriedade rural:

Uai, vão, né, porque agora eles formaram, né, então, como a terra é pequena eles têm que sair pra poder fazer a vida, trabalhar fora, arrumar emprego.

Mas você acha que eles mantêm aqui?

Ah! Mantém. *Isso lá em vem de pai pra filho, né, nós vai passando de geração.*⁶⁵

Mas, apesar de acreditar que seus filhos manterão a propriedade que lhe pertence, ele reconhece, assim, como Dona Regina, a necessidade de que os seus filhos busquem alternativas de vida, arrumando um emprego. Assim, a propriedade talvez não seja para

⁶⁵ Hélio Pereira Lima, 56 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

esses filhos o foco de sua atenção, tendo em vista a necessidade de trabalharem em outros lugares. A terra é passada de geração em geração, no entanto, os sentidos e os usos que se faz dela não são os mesmos.

Seu Adolfo, apesar de não ser um pequeno proprietário, não faz uma interpretação muito diferente das que foram citadas anteriormente, pois, ao ser perguntado sobre o que ele esperava ao deixar a terra para os filhos, respondeu enfaticamente: “Eu penso que é assim, você fecha o olho eles passa nos cobres, não sei não”.⁶⁶ Seu Adolfo até lembra que uma de suas filhas gosta muito da fazenda, no entanto, pela sua fala, parece que ele acredita ser difícil que as atividades exercidas nela sejam mantidas. Assim também é a análise de Seu Antônio, proprietário de 78 alqueires de terra em Martinésia, quando fala de um de seus filhos que, apesar de gostar da terra, tem no trabalho na cidade o seu foco: “Ele gosta de roça, mais ele tá certinho, porque isso aqui é só pra lazer, né, não é financeiro, ele tem que ganhar lá fora”.⁶⁷ Seu Antônio é outro que vê fora da terra o futuro dos filhos e, quanto à perspectiva futura da terra, acha que poderia simplesmente se tornar um lugar de lazer.

Desta forma, o que parece ser um sentimento comum entre os produtores rurais entrevistados é o desalento quanto às atividades agrícola e pecuária, apesar do amor, da valorização da terra como um bem capaz de lhe propiciar um modo de viver. Essas atividades foram, com o passar dos tempos, tornando-se difíceis para aqueles menos capitalizados, pois, como lembra Seu Duarte, os custos de produção aumentaram e a situação se agravou:

aumentou os encargos, por exemplo, pro cê produzir hoje é muito caro, os insumos, sementes, um saco de semente cê deve vender, por exemplo, um saco de semente de milho cê vai gastar aí 10 sacos do que cê colhe pra pagar um semente de 20Kg, então é

⁶⁶ Adolfo José de Almeida, 65 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul2005.

complicado, né, é muito caro, os adubos também é tudo é caro, mais vai, né.⁶⁸

As atividades agrícola e pecuária tornaram-se dispendiosas para os produtores devido ao custo de produtos, tais como fertilizantes, inseticidas, adubos, corretivos, sementes, vacinas, enfim, uma série de produtos que são necessários ao exercício dessas atividades, mas cujo custo é alto mediante a renda que o produtor auferir com a produção, seja a lavoura ou a pecuária. Seu João lembra que para custear a lavoura que ele planta, a fim de manter um ritmo de vida no qual ele nasceu e se criou, tem que se desfazer de parte de seu rebanho, vender alguns bezerros para comprar adubo, semente etc.:

as primeira terra que eu comprei foi com dinheiro de arroz que hoje a gente num tira nem as despesa, naquela época a gente ganhava dinheiro pra comprar terra e hoje a gente num tira as despesa, a lavoura fica mais cara pra plantar ela do que o que ela produz.⁶⁹

Seu João plantava arroz e milho para o consumo da família e comercializava uma parte dessa produção, tanto que, com a renda da venda desses produtos, ele conseguiu comprar terras, mas hoje, ele não vê nas atividades agrícola e pecuária a possibilidade de gerar renda capaz de proporcionar a compra de terras, uma vez que os custos da lavoura são, muitas vezes, maiores que a renda obtida com a venda da produção.

Essas dificuldades devem-se a diferentes fatores, tais como a falta de crédito, o custo dos insumos, a oscilação dos preços na hora da comercialização, o estabelecimento de regras como, por

⁶⁷ Antônio José de Almeida, 62 anos, entrevista realizada em sua residência, no 31 jul 2005.

⁶⁸ Duarte César Justino, 51 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

⁶⁹ João Dias Neto, 77 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 28 jul 2005.

exemplo, a exigência do tanque de resfriamento de leite. Enfim, as atividades agrícola e pecuária foram se tornando de difícil realização para os pequenos produtores, os quais até tentam “modernizar” a base técnica de sua produção, no entanto, isso não significa que eles se tornem “produtores modernos” no sentido das grandes produções, da inserção em cadeias agroindustriais.

Entre os proprietários rurais entrevistados não existe mais a produção para subsistência, no sentido de criar os animais para consumir a carne e o leite, plantar o arroz e o feijão, antes estocados nas chamadas tuias. Eles produzem algo para comercializar e o que antes era obtido através das plantações próprias, hoje é adquirido no comércio, como lembra o Seu José Geraldo:

as famílias que moravam no campo, naquela época, dependiam, comiam o que plantava e colhia, né? Hoje é diferente, hoje, por exemplo, a coisa mudou muito, eu por exemplo, não tenho nem, já faz muitos anos que eu não me preocupo em estocar o arroz, né, que nós comemos ao longo do ano, não, isso você faz aquela compra normal todo mês, no supermercado, né? Naquele tempo não, as pessoas tinham que produzir e estocava, ensacado ou então na chamada tuia, né, então na época tinha que tá ensacando, levando onde tinha uma máquina pra poder tá limpando e tal. Então, são mundos diferentes, né?⁷⁰

O produtor não tem mais a garantia da alimentação produzida por ele. Hoje ele tem que exercer alguma atividade que gere a renda necessária à aquisição desses produtos.

Atualmente, para esses proprietários, a produção para o consumo se resume a hortas de fundo de quintal e à criação de alguns animais que produzem a carne e o leite. Dona Adelina, por exemplo, mantém esse tipo de plantação:

hoje tudo que vai criar pra levar pro mercado é muito, então, se não

⁷⁰ José Geraldo Pacheco, 50 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 19 jun 2005.

for com agrotóxico, tudo esse tipo de coisa num cria, e a gente pouquinho, né, pouquinho ocê cuida bem cuidado e não tem veneno, num tem nada, eu gosto muito mais das coisa natural.⁷¹

A manutenção dessas plantações tem, para Dona Adelina, a possibilidade de manter a qualidade da alimentação, hoje, muito afetada pelo uso excessivo de agrotóxicos.

A produção para o consumo da própria família tornou-se, na maioria dos casos, inviável, devido às muitas dificuldades que cercam as atividades agrícola e pecuária, pois para plantar, o produtor necessita de um capital para a aquisição de insumos do qual ele não dispõe. Nesse sentido, para os mais velhos, a aposentadoria se tornou uma importante fonte de renda, que possibilita a aquisição desses produtos que antes eram produzidos na propriedade rural.

O fato desses produtores produzirem para comercialização não significa que sejam “produtores modernos” nos moldes do agronegócio, mas são produtores que, frente à conjuntura de dificuldades, agem, lutam, buscam alternativas para gerar a renda necessária à família. Em Martinésia, a saída encontrada por muitos foi a produção de hortifrutigranjeiros e a pecuária leiteira.

Em resumo, o que ocorreu foi uma transformação da vida do homem do campo, tanto nos aspectos da produção, que hoje enfrenta os problemas que foram até aqui discutidos, quanto na vida diária dessas pessoas. Os produtores entrevistados não têm uma produção inserida em cadeias agroindustriais e nem têm uma produção altamente capitalizada, mas eles também não produzem mais para o consumo familiar. Entretanto, de alguma forma, eles exercem uma atividade que se insere no “mercado” no sentido de que comercializam sua produção, seja de leite ou de hortifrutigranjeiros, a fim de, a partir daí, gerar a renda que possibilita a compra dos produtos que antes eram produzidos na fazenda. Além desse aspecto, também os valores e as formas de viver se transformaram,

⁷¹ Adelina Fernandes, 78 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

na medida em que foram sendo reelaboradas pelos sujeitos ao longo da história, o que é visível nas modificações das festas religiosas e das relações de vizinhança, por exemplo, e essa mudança é narrada com muita propriedade pelo Seu José Geraldo, quando foi instigado a falar sobre sua trajetória de vida:

o início, era um início muito difícil mas que a gente tem, assim, até saudade daquele tempo, era um mundo completamente diferente, a gente vivia de outra forma, você não tinha aí, sequer a energia elétrica, então, por consequência, muitas outras oportunidades que nós temos, né, através da energia elétrica, era na lamparina, depois quando chegou o lampião a gás já foi um sucesso pra nós, né? Mas era um tempo bom, um tempo em que os povos eram mais unidos na zona rural, tinha assim, aquela relação de amizade, de visita de família pra família na zona rural, nesses tempos, né? E com o passar do tempo hoje é diferente, normalmente quando chega uma pessoa, você logo já imagina o que que o meu amigo tá querendo, o que que essa pessoa tá querendo? Dificilmente as famílias hoje na zona rural se deslocam simplesmente pra uma visita assim, pra um bate-papo, né, como acontecia antigamente.⁷²

Apesar de todas as dificuldades encontradas, permanecer no campo significa, para essas pessoas, manter certa liberdade. Seu Duarte, por exemplo, quando foi perguntado se pensava em deixar o campo, respondeu: “Não, não penso não, não vou dizer que tô ganhando bem, entendeu, mais, mais livre”.⁷³ A liberdade também é uma das motivações de Dona Adelina para permanecer no campo, além de possibilitar a ela plantar, criar animais: “Ah, eu gosto muito, assim, do ar livre, as planta, gosto de plantar, ver as planta bonita, criação, é isso, eu gosto muito”.⁷⁴ Significa ainda

⁷² José Geraldo Pacheco, 50 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 19 jun 2005.

⁷³ Duarte César Justino, 51 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

⁷⁴ Adelina Fernandes, 78 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

poder continuar a fazer aquilo que fez ao longo de toda a vida: “A gente é nascido e criado na fazenda, né, então, o que a gente sabe fazer é mexer com fazenda, então, prefiro ficar na fazenda, é pertinho de Uberlândia”.⁷⁵

Permanecer no campo é um desafio diante de todas as transformações que foram sendo provocadas nas atividades agrícola e pecuária, porém, é uma forma de manter um viver que, sem dúvida alguma, foi transformado, muitas vezes de forma positiva, como lembra Seu Francisco: “Hoje o nível de vida de todo mundo subiu, hoje todo mundo tem um carrinho, televisão, telefone em casa”.⁷⁶ Outras vezes, de forma negativa, como lembra Seu Argentino com relação à agricultura: [...]“não, não compensa, não tem jeito não, então eu descrentei, tem terra aí e é boa”.⁷⁷ Mas o fato é que viver no campo tem um significado e um valor que faz com que esses pequenos proprietários enfrentem as dificuldades, encontrando suas alternativas e permanecendo, desta forma, no seu lugar.

Recebido em março de 2009

Aprovado em abril de 2009

⁷⁵ Hélio Pereira Lima, 56 anos, e entrevista realizada em sua residência, no dia 30 jul 2005.

⁷⁶ Francisco Fernandes Pimentel, 59 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 26 jul 2005.

⁷⁷ Argentino Gomes de Melo, 72 anos, entrevista realizada em sua residência, no dia 28 out 2005,